

PRAZER, KATHY ACKER

Flá Lucchesi

É a primeira vez que leio Kathy Acker. Ela, acompanhada de sua gangue de personagens transmutáveis, me leva em sua viagem. Como uma nova e intensa substância, em alguns momentos me surpreende a loucura, me perco e a estranho; mas o tom que embala a experiência é empolgante, quente, extasiante.

Paira algo conhecido. Lembro-me de estar em um show de alguma vigorosa banda de garotas punks, lendo um romance pós-teoria queer, em estado alterado de corpo e consciência incitado por uma paixão, pelo tesão ou por alguma substância. Tirando as alterações inerentes à vida humana – talvez animal – e atemporais, as demais lembranças não poderiam ser ativadas em 1973, ano de publicação da **Vida Infantil da Tarântula Negra**, primeiro romance da autora.

Me dou conta de que estou diante de uma precursora do punk feminista e do queer. Isso não é pouca coisa. E, de certa forma, estou aqui, assim, graças a pessoas como ela. Decido esmiuçar a Tarântula Negra e me aproximar de Acker. Passamos um bom tempo juntas. As impressões iniciais vão, uma a uma, se mostrando assertivas pela coincidência dos encontros e reencontros.

Kathy Acker, esse nome não me é estranho... Antes de ler a Tarântula, faço uma busca pela internet, mas os algoritmos não estão tão certos. Que ótimo! Um dia, lembro-me de uma edição da ReSearch na qual a cientista social Andrea Juno entrevista algumas artistas furiosas. Pego o livro, que foi uma aquisição durante minha pesquisa de iniciação científica, e lá está: **Angry Women** e o primeiro nome listado na capa é o de Kathy Acker.

Essa entrevista compõe com outras leituras uma via de acesso para me aproximar mais dessa pessoa. Leio artigos dela e

sobre ela, entrevistas, a dissertação **Tradução comentada de Great Expectations, a novel de Kathy Acker** (2019), de Breno Camargo Correa – até então a única publicação da autora aqui no Brasil –, vejo documentários e vídeos de conversas entre ela e William Burroughs. Burroughs, ele também um precursor do queer, o primeiro escritor a utilizar essa palavra subvertendo seu significado ofensivo e tornando-a uma potente afirmação anti-identitária, ainda nos anos 1950.

Antes de começar a rascunhar o texto, faço uma última busca combinando palavras que, na minha cabeça, tinham tudo a ver com Kathy Acker, e acho uma entrevista que ela fez com as Spice Girls durante a primeira viagem da *girl band* aos Estados Unidos (não, as *spice* não foram uma das palavras tudo a ver). Mas a sagacidade de Acker nesta matéria jornalística me atinou: será que ela não teve relação com o riot grrrl? Ela que frequentou a cena *underground* nova-iorquina e o punk antes, durante e depois de sua eclosão.

Em 1990, a jovem estudante de fotografia Kathleen Hanna viajou para participar de um *workshop* com Kathy Acker no Seattle's Center on Contemporary Art. Não foi por acaso. Hanna era louca por Acker, seu modo de escrita, sua linguagem e as temáticas por ela abordadas, semelhantes ao que a estudante experimentava em seus fanzines. No segundo dia de oficina, Acker lhe perguntou por que ela escrevia e, depois de ouvir a resposta, falou: “se você quer que as pessoas ouçam o que você está fazendo, não faça spoken word¹, porque ninguém gosta de spoken word, ninguém vai a spoken word. Há uma comunidade maior para músicos do que para escritores. Você deveria ter uma banda”. Instigada, Hanna se juntou a duas amigas da universidade e montou a banda punk Amy Carter. Um ano depois desse *workshop*, Kathy Acker estava lecionando no San Francisco Art Institute, e Kathleen Hanna estava com uma outra banda, ao lado da também autora de fanzines Tobi Vail. Essa banda era a Bikini Kill.

¹ Encontros para recitação de poesia ou outros tipos de texto. A prática ganhou força nos Estados Unidos com os movimentos sociais de minorias, na segunda metade do século XX, especialmente o movimento negro, retomando as procedências dessa prática em meio a povos africanos.

Kathleen Hanna, Tobi Vail e muitas outras garotas que fizeram a cena punk feminista riot grrrl inventaram uma outra escrita, um outro jeito de ser punk, feminista e mulher. O estrondo que causaram foi para além do rock, transformando o feminismo e, indiretamente, o *mainstream* que produziu as Spice Girls e outras *popstars* vestidas de uma roupagem feminista neoliberal, inovando um mercado em ascensão até hoje (obviamente, anunciam um discurso feminista bem diferente do das riot grrrls, mas isso é outro assunto).

As riots não foram levadas a sério por muitas feministas, que julgavam um desserviço a radicalidade com que escreviam, produziam, cantavam, vestiam e falavam sobre sexo e contra a sociedade. Kathy Acker enfrentou julgamentos semelhantes, ainda mais desqualificadores, que insinuavam que ela corroborava com a submissão feminina ao retratá-la em seus livros, além de rechaçarem o que consideravam pornográfico e uma “objetificação” da mulher. Como ela disse para Kathleen Hanna, é mais fácil ser ouvida numa banda do que lida, ainda mais depois dos espaços abertos pelas implosões provocadas pelo punk.

Nos países do hemisfério Norte, especialmente falantes de língua inglesa, Kathy Acker é considerada uma reconhecida “autora de vanguarda”. Das 28 obras publicadas por ela em seus cinquenta anos de existência, menos de um terço foi traduzido para outros idiomas. Em alemão, francês, espanhol, italiano, finlandês, russo e japonês, é possível ler um ou outro título mais famoso da autora e alguns livros de menor repercussão. **A Vida Infantil da Tarântula Negra** foi traduzida apenas para o francês. Esta é, pois, a primeira edição em língua portuguesa de Kathy Acker.

Não me lembrava das referências a ela presentes em livros usados nas minhas pesquisas de iniciação científica e mestrado – ambas sobre o riot grrrl –, porque esse nome não dizia nada para mim. Mas se a Kathleen Hanna tivesse sido impulsionada a montar uma banda por algum escritor “de vanguarda”, por algum *beat*, por algum “gênio” do *underground* nova-iorquino, possivelmente eu teria reconhecido e dado importância a esse fato. Possivelmente seria um fato relevante e de conhecimento público sobre a história do riot grrrl.

Mas ela não é um escritor nem mesmo é uma escritora bem adequada aos moldes das autoras consagradas ou peneiradas pelas cotas. Ou existiu apenas uma escritora *beat*? Quanto tempo Patti Smith, outra percursora punk e contemporânea de Acker, levou para ser reconhecida também como escritora? Ela escrevia poesia antes de começar a cantar... Dizer que “as outras” não eram boas não é uma questão de gosto.

Uma escritora que anuncia o feminismo punk e o queer é uma bomba. Destrói e inventa outras coisas, outros modos de fazer e de ser. Para elaborar sua forma própria de fazer e escrever, Acker experimentou. Não sozinha, não sem muita leitura e estudos, não sem acompanhar artistas radicais como os do Fluxus e da Black Mountain, não sem se envolver com outros escritores, sendo Burroughs um parceiro imprescindível, assim como David e Eleanor Antin, que foram seus professores na Universidade da Califórnia (graças à lista de arte-postal de Eleanor, **A vida infantil da Tarântula Negra, por Tarântula Negra** começou a circular).

Aqui, Kathy Acker aparece através do pseudônimo Tarântula Negra e se mistura a personagens que foram buscadas em outras histórias e ganharam nova existência nas narrativas da aranha. São personagens de livros, são escritoras, são escritores, são mulheres cujas vidas estão na história. Não na História, mas nas histórias menores, como Moll Cutpurse, a rainha dos ladrões londrinos do século XVII. A própria Acker, suas memórias, experiências, sonhos, delírios e fantasias se mixam aos aspectos dessa gangue de personagens, que não se distribuem hierarquicamente como protagonistas ou coadjuvantes em uma sucessão linear de fatos. A Tarântula Negra nos mostra que não há delimitação nítida entre sonho-história-fantasia-literatura-memórias-estados alterados de percepção. Tudo é real, é uma verdade em construção, a partir de perspectivas outras e em movimento.

Na busca por uma linguagem que não se construísse a partir dos tradicionais ditames literários masculinos – tampouco reproduzindo o oposto binário, em busca do que seria uma linguagem literária feminina –, ela desconstruiu as regras gramaticais rígidas, as normas de

pontuação e a clássica divisão sujeito-objeto. Compõe o texto como nos sonhos, onde somos o espaço, o sonho e o sonhador; somos e estamos em outro tempo. Atos de percepção. “Escrita como uma máquina de destruição”, afirmava Acker. Em luta contra as significações e classificações fixas, abrindo possibilidades tanto para ela que escrevia quanto para quem a lê. Talvez Gilles Deleuze dissesse: escrita como máquina de guerra.

A autoria também é desmontada. Seu romance é composto por apropriações, colagens, justaposições de outros. Não há respeito pela propriedade de uma história, de um personagem, de um livro. Sua técnica de escrita, semelhante aos *cut-up's* de Burroughs², foi nomeada por ela mesma como *plagiarismo*. Não se trata de um plágio exatamente, pois a autora sempre indica aos leitores as referências que foram recortadas e rearranjadas, transformadas. Mas a escolha por nomear seu método de escrita com uma palavra que remete a uma definição jurídico-criminal não é à toa. O plágio, no âmbito das produções intelectuais, é semelhante à pirataria no âmbito da reprodução e comercialização desautorizadas de produtos: ambos subvertem os chamados direitos autorais. Acker era desobediente às autoridades de toda ordem, às normas e às leis, como fica claro e convidativo no escrito da Tarântula Negra. Trata-se de um traço da contracultura que permanecia na autora que anunciava o punk, tal como sua postura antimilitarista e não violenta.

A escritora gostava de reinventar sua história constantemente, tanto em seus livros quanto em entrevistas e relatos sobre a sua vida. Se há um fator comum as suas narrativas sobre si mesma, este era o interesse por piratas. Desde criança ela tinha grande prazer na leitura, e essas eram suas histórias favoritas. Ela queria ser uma pirata quando crescesse, mas parecia que ela não podia. Nem nos livros, nem na história ela sabia de mulheres piratas. Quando adulta, ela descobriu histórias *reais*.

² Para saber mais sobre o método *cut-up* e a obra de William S. Burroughs, veja: **O comissário do esgoto: coragem da verdade e artes da existência na escritura-vida de William Burroughs** (2014). Dissertação de mestrado de Wander Wilson Chaves Jr.

No verão de 1718, o marinheiro James Bonny serviu à corte de Bahamas como informante de piratas que agiam na região, auxiliando na captura e execução de muitos. Sua esposa, Anne Bonny se opunha a cagoetagem do marido e passou a frequentar as tavernas e se aproximar dos piratas. Foi assim que se apaixonou por John “Calico Jack” Rackham com quem fugiu a bordo de um navio roubado. Ela se tornou uma integrante da tripulação, travestindo-se como um pirata. Dois anos depois, em uma das invasões a outras embarcações, conheceram Mark Read, que se tornaria também um pirata da gangue de Calico Jack. Certo dia, Bonny disse a Read que estava apaixonada por ele. Descobriu que Mark havia sido batizada Mary Read. O ciúme do Calico foi domado quando Bonny lhe revelou esse fato. O restante da tripulação não sabia o *verdadeiro sexo* das duas e o capitão desconhecia a *verdadeira* relação das duas. Quando em águas Jamaicanas, foram atacados por homens que serviam ao governo local, onde a gangue do Calico Jack também era procurada. Bonny e Read foram os piratas mais bravos no combate, derrubando homens e lutando até a derrota da tripulação que, totalmente embriagada, foi incapaz de contra-atacar. Todos foram enforcados. Anne Bonny e Mary Read, assim identificadas pelas autoridades, conseguiram adiar a execução de suas penas pois estavam grávidas. Dizem que Mary Read morreu na masmorra durante uma febre altíssima, mas apesar de um registro funerário na igreja de St. Catherine, não há registro de óbito, nem dela, nem do bebê. Anne Bonny deu à luz e desapareceu. Não se sabe o final da história de nenhuma das duas. Mas nenhuma delas foi enforcada.

No artigo “Against ordinary language: the language of the body”, Acker escreveu: “os piratas viviam no mundo vivo porque eles se divertiam. Como os piratas viviam nos meus livros, eu fugi para o mundo dos livros, o único mundo vivo que eu, uma garota, pude encontrar. Eu nunca deixei esse mundo (...). Quando eu era criança, eu sabia que a separação entre mim e a pirataria tinha algo a ver com o fato de eu ser uma garota. A ver com gênero. A ver com estar em um mundo morto. Logo, gênero tem algo a ver com morte”. Este escrito foi publicado em dezembro de 1995, momento em que já havia a

expressão "teoria queer" para designar um punhado de pesquisas acadêmicas que questionavam a noção de gênero, suas atribuições sociais e seu alegado determinismo biológico. Neste artigo, ela aparece acompanhada por Luce Irigaray e "This Sex which is not One" e de Judith Butler e **Corpos que importam**³. A teoria queer não emergia como uma criação dentro dos gabinetes de pesquisadoras, afirmava um desdobramento das ruas, de lutas que vinham pululando desde os anos 1980. Dava outros contornos às rupturas levadas adiante por pessoas que recusavam a política do movimento gay, rumo à *assimilação*: reconhecimento e proteção legal; inserção rentável no mercado; consolidação de famílias chanceladas pelo Estado, aos moldes da monogâmica burguesa; em suma, reprodução de um estilo de vida *maior*, heteronormativo. Mais uma vez, estamos diante de um movimento minoritário que foi amplamente rechaçado por outros, sendo negado e atacado pelos movimentos gay, feminista e das lésbicas.

Na década de 1990, Kathy Acker aproveitava seu cargo no San Francisco Art Institute para oferecer aulas abertas e atrair um público diferente do universitário. Em um desses cursos, realizado no pub Edinburgh Castle, ela incitou seus estudantes – punks, queers, putas, strippers, junkies – a escreverem. Dentre essas pessoas, estava Lynn Breedlove, vocalista da banda de queercore Tribe 8, que no final dos anos 1980 sacodiou a cena punk de São Francisco com seus shows escandalosos. Breedlove se apresentava sem camiseta, os seios de fora e um "A na bola" inscrito na barriga, usando acessórios BDSM e um dildo que, durante a música "Romeo and Julio", era chupado por algum homem da plateia e depois destruído por ela. A Tribe 8 não existe mais, e Breedlove segue escrevendo, sem se esquecer de Acker. Pessoa que, segundo elx, "nos desafiava a escrever. Ela trouxe os fantasmas da literatura de volta à vida. Ela trouxe a história queer à vida. Ela viveu isso".

³ Uma das obras mais importantes da teoria queer que ganhou, enfim!, sua edição brasileira recentemente, pela crocodilo edições em parceria com a n-1. O texto de Irigaray, uma das primeiras referências do que viria a ser a teoria queer, escrito nos anos 1970, nunca foi traduzido para o português. É possível encontrar a sua versão original na internet.

Ainda em meados da década de 1980, Acker integrou uma das primeiras – talvez a primeira – coletâneas de textos queer com o artigo “The End of the World of White Men”. O livro, intitulado **Posthuman Bodies** (1995), foi editado por Judith Halberstam e Ira Livingston. Halberstam nos presentearia com uma das produções atuais da teoria queer mais diferentes e potentes, pois escapa do binarismo preservado pela maioria dos autorxs queer que se localizam à esquerda do Estado. Halberstam se interessa pelo queer anárquico.

No início dos anos 1970, a Tarântula Negra anunciava uma escrita, uma literatura queer. Em meio a mais de uma dezena de vozes e personagens, o gênero flui. De repente, ela vira ele, depois volta a ser ela. Uma memória de infância masculina entra na narrativa de uma personagem feminina como sendo sua. Uma mulher, enquanto se masturba ou trepa, sente seu pau, num híbrido com o clitóris, despretensiosamente destruindo o falo por meio de um delírio orgástico que simplesmente acaba com o ideal da virilidade e com a suposta inveja feminina pela ausência do órgão. Em sua loucura de prazeres livres, Acker anunciava uma possibilidade que ganharia forma, alguns anos depois, especialmente nas primeiras obras de Judith Butler.

Praticamente todas as personagens, migradas de outros livros, retomadas da história ou inventadas por Kathy Acker a partir dela mesma e de suas relações, travestem-se. Trajando roupas masculinas, elas andam firmes, sozinhas, pelas ruas; elas frequentam bares e se embriagam; elas roubam e matam; elas fazem o que querem. Sem intuito teórico, a fluidez de gêneros nas personagens era algo mais intuitivo, sem grande importância ou significado, comentou a autora décadas depois. Talvez uma forma de manifestar seu ódio pelo gênero, provocado pela primeira vez durante leituras de escritas masculinas e personagens masculinas.

“Se eu estiver constantemente aterrorizada e com fome de leis, eu não poderei gozar”, ressoa a voz da Tarântula. O gozo, a força do orgasmo aparecem com a potência liberadora do prazer, capaz de suspender o eu, desidentificar, conduzir ao movimento de exaltação e deleite extasiante, mostrar às mulheres força e a alegria de experimentarem seus quereres e desejos. O toque ganha mais importância

do que a fala; a entrega a ele possibilita suspender o pensamento, a memória, os julgamentos, o valor dado a com quem se está, a como se reconhece e identifica essa pessoa, aos seus nomes e suas identidades. O eu deixa de existir, torna-se a outra pessoa, torna-se uma mistura, torna-se x outrx, torna-se ninguém, torna-se nada (e isso não é algo negativo). “Minha revolta contra a sociedade de morte colide com meu desejo de ser tocada eu não tenho identidade”.

De repente, o ela vira ele, depois volta a ser ela, depois vira um bicho, uma outra forma de existência. O gozo é possível como animal, com os animais, com outras formas vivas da natureza como as árvores e o mar. Numa erótica *nonsense*, os dedos do pé viram pessoas que trepam. A sexualidade ocorre no interior da escrita, não é expressa por ela, “uso minha escrita pra me livrar de todos os sentimentos de identidade que não sejam a minha sexualidade”. A própria sexualidade é demolida, uma vez que a busca pelo gozo, cada vez mais e mais potente, abdica de qualquer conduta sexual e não se limita, não se deixa governar. Todas as “perversões” sexuais, todos os tabus são praticados no livro sem quaisquer traços de violência ou dominação – exceto a consensual BDSM –, e são vivenciadas por mulheres que querem, que encontram força em seus corpos e nesses prazeres. Faz lembrar a *contrassexualidade* de B. Preciado, conceituada no início dos anos 2000. Talvez não por acaso, a escrita literária de P. é bastante atravessada por A., assim como a de Virginie Despentes, que estabelece uma conversa descaralhada ao som de três *power chords* com Acker.

Outro conceito de P. Preciado, a *potentia gaudendi*, um pouco mais recente, também estabelece conexões com o pensamento e a erótica de Acker. *Potentia gaudendi* define a força orgásmica resultante da potencialidade de excitação inerente a cada molécula de matéria. Força transformadora em prazer, energia vital que, dependendo de como se lida com ela e de qual o lugar do desejo, pode servir a diversas funcionalidades, inclusive ao trabalho capitalista. Na Tarântula, essa força alimenta a escrita de alguém que só precisa de papel, lápis e um canto para escrever e se masturbar. Nela, por vezes, essa força se torna a única realidade.

Ou, ainda, como situou Michel Foucault em conversa com Jean Le Bitoux, publicada poucos anos depois da *Tarântula* ganhar vida, com o título de **O saber gay**, as "intensidades do prazer estão ligadas ao fato de alguém se dessujeitar, deixar de ser um sujeito, uma identidade. É algo como uma afirmação da não-identidade" (é bom lembrar: as pesquisas e análises do filósofo, lido por Kathy Acker, foram imprescindíveis para abrir as perspectivas para que outrxs pudessem dar forma ao queer e à teoria queer). Não apenas o prazer do sexo, como também o das substâncias alteradores de consciência possuem essa potência que abre possibilidades para dessujeitar-se, desidentificar-se. Como no sexo, depende do uso e do querer. Especialmente as moléculas psicodélicas ganham destaque na obra. Encontradas na natureza, psilocibina e mescalina são acessíveis a quem queira, assim como o orgasmo. "Quando eu observo as nuvens brancas atravessando o céu escuro, a lua por detrás dessas nuvens me deixa louca psilocibina gratuita pra todo mundo".

A *Tarântula* não é apenas um pseudônimo metafórico, nessa viagem há instantes em que as personagens não pensam em si mesmas como pessoas e, por considerarem as possibilidades de prazer com seres não humanos, não se sentem mais importantes por sua humanidade. Morte e mudança de forma, diferenças e proximidades entre pessoas e outras formas de vida, olhar para a natureza e suas forças sem superioridade e em comunhão pelo prazer; abrem-se as percepções.

As experiências liberadoras da *Tarântula* Acker se afirmam na luta direta contra a mortificação produzida pela aceitação e sujeição às instituições. As personagens fogem. Escapam da família, dos pais, do casamento, do marido, do amante, do hospital, do hospício, da escola, do seminário de meninas, da cadeia. E lutam para destruírem as prisões erguidas em suas próprias mentes, por suas condutas. Vivem seus quereres livres, não aceitando as ordens de autoridades, sejam elas quais forem. As perspectivas abertas pela escritora, por suas experiências, são liberadoras.

Kathy Acker foi precursora de um tanto de coisas que me atravessam, e eu não fazia ideia. O meu encontro com ela, por meio da Tarântula Negra, foi um presente. Como as boas experimentações psicodélicas, estabeleceu novas conexões na minha cabeça e abriu percepções. Propiciou também conversas entre minhas pesquisas e figuras que me acompanham em minhas reflexões. Apresentou-se e também fez descobrir outras pessoas interessantes. Instigou-me e me atçou com sua escrita, seu modo de fazer, sua ousadia, suas destruições, sua potência orgástica. Mas aposto que não só a mim a coragem com a qual ela se lançou e experimentou a escrita e seu próprio corpo, sua existência e seu jeito de fazer as coisas vai contagiar. Pois é contagiante olhar para a vida atenta ao que é belo e prazeroso, e viver nossos quereres de qualquer moral.

Em uma festa queer de música eletrônica, lembro-me da Tarântula Acker. Corpos à vontade em suas danças, livres para serem o que são, envolvidos pelos sons e pelas substâncias que correm dentro de seus corpos e mentes. A mudança de *tracks* já prontas em um *djset*, a entrada de um *live* com seus movimentos únicos, aqui e agora, em conversa com a pista. Sons mixados, recortados, colados, justapostos, computadorizados, o *plagiarismo* ganhou outra forma na música. Um espaço de liberdade, comunhão entre gente estranha, afirmações sem palavras e o gozo preciso para não se deixar aprisionar pelo antitesão de tempos tão fodidos. Como uma boa viagem, a Tarântula se faz presente em mim e rompe o cotidiano.

Todos os eventos e informações foram tirados da Tarântula Negra, de Kathy Acker, de Lynn Breedlove, do Digital Transgender Archive, de **Girls to the Front: The True Story of the Riot Grrrl Revolution** (que agora existe em português, pela Powerline)